

V - NA CONTRA-MÃO DA HISTÓRIA

Ontem ouvi, surpreso, na fila do Banco, uma queixa de um senhor já pelos idos dos oitentas: "É... o Collor passou a manta na gente!"

Não pensei em discordar do ancião, mesmo porque era muito lúcida sua observação. Minha surpresa deveu-se à expressão desusada, certamente não conhecida pelo leigo que a ouvia por perto.

E o que é "passar a manta"? Bom, significa, iludir, ludibriar. Nossa gente, nestes dias incolores, além de dinheiro e conquistas antigas, anda perdendo muito até de sua rica cultura vocabular, cujas construções primorosas dão à nossa língua vigor muito especial. Estas expressões deste escrito são parco exemplo disso.

E realmente! O Presidente passou-nos a manta. Pensamos que fosse realizar um governo de mão cheia, mas qual! Deitou a mão nas contas correntes, sujou as mãos na poupança popular - enfim, lançou mão do certo e do errado... para nada. O povo todo deu as mãos na esperança de melhoras, abriu mão de seus direitos bancários líquidos e certos e vem agüentando a mão até hoje sem esboçar maiores contrariedades contra a ordem institucional, embora esteja mesmo é de mãos atadas: o que fazer quando o governo se mostra "corrupto e incompetente"?

Na verdade sabíamos todos que ele não tinha exatamente as mãos limpas: ninguém, em Maceió, botava a mão no fogo pelo governador Collor. Seus assessores, que formam o famigerado grupo da "República de Alagoas", de quando em vez surpreendidos com a mão na massa, pouco ou nada cumprem dos velhos discursos do palanque eleitoral de seu chefe. O governo só tem mesmo é mãos largas para dispersar recursos públicos. Para ajudar o político oportunista (vide caso LBA em Alagoas), o presidente é um verdadeiro mão aberta. Só dá a mão a quem não precisa. O povão, o humilde, o descamisado, fica a ver navios, deixado na mão e na miséria.

Entretanto, há reclamações da outra parte. Sabemos, em segunda mão, que o Executivo fala mal da Constituição, cuja existência o deixaria impotente, nas mãos do Legislativo. O Congresso "ousou" ameaçar o seu "emendão" - cujos pontos de honra, mesmo que abandonados por ora, são suspender a estabilidade do funcionário público (o que acarretaria um clima de perseguição política) e cancelar a aplicação de 18% da arrecadação federal em Educação. Ora, retrucam os menos desavisados, o governo não caiu nas mãos do Congresso: a Constituição já vigorava por ocasião das campanhas à Presidência. O argumento da "ingovernabilidade" sem dúvida é apenas um pretexto para facilitar um governo com mão de ferro. E, nesse bate-boca, não estaremos paralisados. Com essa insatisfação generalizada, essa situação caótica, ninguém irá lavar as mãos em qualquer tentativa de golpe branco. Não queira essa malta governista pensar que vai tomar mão a quem lhe deu o pé. Estamos avisados pela História! O povo está com u'a mão na frente, outra atrás mas ainda serve-se de seus representantes no Congresso, que têm as mãos sobre a deliberação final desse "emendão" nocivo e descabido.

Deveria é nosso Presidente pôr a mão na consciência e largar mão dessa recessão feroz. Em vez de ficar se divertindo pelo mundo afora, exibindo camisetas novas (pobre do descamisado!), ele deveria pôr mãos à obra na construção do tal Brasil Novo. O Presidente deve dar a mão à palmatória e perceber que está na contra-mão da História: há muito discurso e pouca, pouquíssima, ação, quando em outros países (e a ex-

URSS é só um dos casos) verifica-se justamente o contrário.

Quisera pudéssemos dispor de uma máquina do tempo, como a de H.G. Wells, retornássemos a 1989 - nem que fôssemos de mãos abanando, antes que, nessa marcha seja proclamada a dependência do Brasil e o povo levante as mãos para o céu ao ver restaurada a escravidão.

Enfim, daqui para 1994, devemos permanecer demãos postas e esperar que o governo não continue a meter os pés pelas mãos com a mesma intensidade que vem fazendo até hoje - e que, com a mão do gato, voltem todos para Alagoas de mãos nas gibeiras.

Júlio Rocha